

FICHA TÉCNICA PARA ENTREVISTAS

IDENTIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO: Quadrilha Zé Testinha

CATEGORIA: Celebrações

COMUNIDADE ASSOCIADA: Vila União

ENTREVISTADO: Quadrilha tradicional que há anos integra diferentes pessoas nas suas celebrações.

BREVE DESCRIÇÃO: José Reginaldo Rogério Alexandre e Rosélia Rogério

DATA DA ENTREVISTA: 22 de Agosto de 2024

MINUTAGEM:

0:09 - 0:12

0:15 - 0:16

0:20 - 0:36

0:38 - 0:44

0:51 - 1:48

2:11 - 2:50

2:58 - 3:22

3:27 - 4:26

4:34 - 5:30

5:50 - 13:37

13:54 - 22:16

22:57 - 31:29

00:00 - 1:35

[Para acessar a entrevista, clique aqui!](#)

[ENTREVISTADOR] Silêncio no set, gravando.

[ENTREVISTADOR] Olá, boa tarde. Eu queria primeiro saber qual o nome de vocês.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Meu nome é José Reginaldo Rogério Alexandre

[ENTREVISTADOR] E da senhora?

[Rosélia Rogério] Rosélia Rogério.

[ENTREVISTADOR] Onde vocês nasceram?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu nasci aqui em Fortaleza mesmo.

[Rosélia Rogério] Eu aqui nasci em Fortaleza, quer que eu fale a maternidade?

[ENTREVISTADOR] Não. Não, né?

[Rosélia Rogério] Mas foi a César Calles. Mas foi a César Calles.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu nasci em casa, eu nasci na época do parto, em casa. Parteira.

[ENTREVISTADOR] Qual a idade de vocês?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu nasci em 1962, tenho 62 anos.

[Rosélia Rogério] Tenho 53 anos.

[ENTREVISTADOR] Qual a origem da família de vocês?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] A minha família tem duas vertentes, né? Inclusive, eu acho que são murgidos pelas pedras. Uma é da Pedra da Galinha Choca do Quixadá e outra da Pedra do Frade lá de Itapajé. São duas cidades conhecidas pelas pedras, né? O meu pai é de Itapajé e a minha mãe é de Quixadá. Se conheciam aqui em Fortaleza e lá nasceu e surgiu a gente.

[[Rosélia Rogério] A nossa origem é... Nossa família, o pai e a mãe do interior, né? E viemos aqui para essa cidade e acabou a gente morando aqui nesse interior, porque aqui é o interior, né? Dentro da cidade.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] É porque o interior não saiu da cidade. É verdade. Isso não saiu do interior pra dentro da cidade. É isso. Aqui é uma ilha, certo? Aqui é uma ilha da Vila União, que eu digo, aqui, ó. É tudo pra lá.

[Rosélia Rogério] Puxando... Só completando aqui, né? Por isso que a gente tem a nossa origem aqui, a Zé Testinha, entendeu? Sobre o cangaço.

[Rosélia Rogério] Que aí, mais na frente, eu acredito que vocês vão perguntar, né?

[ENTREVISTADOR] Vocês poderiam compartilhar alguma memória da infância de vocês aqui?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Ah, tem vários, não dá pra fazer em 20 minutos não, né?

[ENTREVISTADOR] Então, deixa pra lá.

[Rosélia Rogério] Não, então eu posso compartilhar uma que foi dentro da escola Aurélio Câmara, né? Que, assim, eu não esqueço, nunca vou esquecer, né? Que foi assim, foi na hora do lanche, na época que eu estudava na Aurélio Câmara, eu era assim, bem briguenta, gente, ainda sou, viu? Tá certo? Se mexesse comigo, eu voltava lá e resolvia, eu dava o meu troco mesmo, entendeu? Aí na hora do lanche o menino chegou com um mingau, jogou o mingau em cima de mim. Beleza, né? A raiva subiu e tudo. Eu fui lá nesse menino, lá onde ele estava com a turminha dele, peguei um copo de mingau e joguei na cabeça dele devolvendo tudo. Então é assim. Eu sou assim.

[ENTREVISTADOR] Vocês moram aqui no bairro desde que nasceram?

[Rosélia Rogério] sim.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Isso mesmo.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Não, porque na realidade a gente morava ali na Luciano Carneiro. Depois que a gente veio pra cá. Eu vim pra cá, eu tinha 11 anos por aí, mais ou menos. Só mudou de local, no caso.

[Rosélia Rogério] É, e eu já vim, já nasci aqui. Já estava morando aqui.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] É tanto quando eu falei contigo ali no make-off, entendeu? Que eu falei que no começo era só a quatro, depois veio ela, depois veio a outra, entendeu?

[ENTREVISTADOR] Vocês só trabalham com a Zé Testinha ou tem outro trabalho?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Aqui é o seguinte, a Zé Testinha é como se fosse um hobby da família. Todos nós temos nossas atividades extraquadrilhas. É tanto que a questão de ensaio, essas preparações de viagem, a gente sempre pensa nas pessoas que trabalham, para poder não atrapalhar, porque a nossa função é somar a sua vida, não atrapalhar a sua vida, entendeu?

[Rosélia Rogério] Ele tem a profissão, a profissão dele, que é técnico, né?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu botei eletricitista aí, que se eu fosse botar o nome, eu não ia saber nem o que era.

[Rosélia Rogério] E eu, na realidade, trabalhei, saindo agora, né? Trabalhei 10 anos, gente. Eu trabalhei, vocês vão até gostar do que eu vou falar, mas eu trabalhei com abordagem de criança e adolescente em situação de rua, tá certo? Aquelas crianças que ficam nos sinais, que às vezes as pessoas passam pra lá e pra cá e são esquecidas, tá certo? Então, fui 10 anos trabalhando ali com abordagem de criança e adolescente, situação de rua na cidade de Fortaleza.

[ENTREVISTADOR] Vocês têm alguma história, vocês sabem alguma história ou lenda do bairro?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Tem um bocado aí. Tem até da Mata do Dungo ali, que tem ali, que aterrorizava as pessoas lá. Passava ali, tinha um... É ali pertinho ali onde tem aquele colégio, aquela escola que a gente foi lá, Dom Bosco, lá? Dom Bosco, lá no Dom Bosco.

[Rosélia Rogério] É, na Dom Bosco mesmo.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Antigamente tudo era mato. E chamavam a mata lá que tinha um bicho que passava lá e o pessoal se passava correndo, se assustando com... umas coisas que ela aterrorizava naquela época, se criava muita fantasia. E outras histórias mesmo do próprio Zé do Búzio, que era um bar que lá informava tudo. Tem muita história aí, tem histórias lendárias.

[Rosélia Rogério] O que eu tenho de lendário, que eu lembro mesmo, foi dentro da escola, a minha irmã Aurélio Cama, que era a loura do banheiro, né? Acho que a gente só ia no banheiro em casa mesmo, porque dentro do banheiro a gente não ia também, era um...

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Vocês já fizeram pesquisa com o Zé do Búzio aqui do bairro? Ele faleceu. Não, mas tem a lenda. Tem, tem. O Inácio pode levar eles lá depois.

[ENTREVISTADOR] Um pouquinho sobre a Zé. Há quanto tempo a Zé existe? Zé Testinho.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Ela foi fundada em 19...

[Rosélia Rogério] Deixa eu falar primeiro da infantil, porque ele vai falar muito. Vai falar primeiro da infantil. Congela aí, Reis. Pronto, gente, vamos lá. A infantil, ela foi criada, né? A gente passamos quatro anos parada, voltamos esse ano. A gente tem 20 anos, né? De caminhada, Zé Testinho Infantil. E a Zé Testinho Infantil, ela foi criada, né? para homenagear a Zé Testinha adulto, entendeu? E nessa brincadeira acabou a homenagem tomando assim uma proporção imensa que hoje a Zé Testinha infantil também é bem reconhecida e o povo faz questão de sempre o grupo infantil estar também participando da festa junina deles, entendeu? Mas ela foi criada mesmo para homenagear adultos. E a gente tem brincantes da Vila União, da Maravilha, a gente tem brincantes aqui da Comunidade da Boba, da Lagoa do Opaia, a gente hoje tem brincantes de Messejana, a gente tem brincantes do Antônio Mizerra, entendeu? Então ela foi criada... Pra homenagear adulto, tá certo? Mas eu dancei bastante quadrilha.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Qual foi o ano que começou?

[Rosélia Rogério] Vixe, tem 20 anos, foi 2004, né? E eu também dancei quadrilha, né? Dancei, já fui rainha, já fui noiva, já fui brincante mesmo lá no fundão, lá atrás.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Já foi fofqueira.

[Rosélia Rogério] É, já fui tudo na Zé Testinha. E criei a Zé Testinha infantil, né? E já tô passando o legado pro meu filho, né? Acompanho ele e tudo. É ele que já tá fazendo a coreografia. Eu queria até que ele estivesse aqui pra vocês conhecerem o Johnny. Mas depois passa aqui novamente, que eu acredito que essa visita...,

[José Reginaldo Rogério Alexandre] E o outro filho dele que é famoso também. Que eu sou fã dele

[Rosélia Rogério]. Eu vou falar também. Os meus filhos foram tudo criados em negócio de estar dentro da quadrilha. Um é sanfoneiro, o outro é marcador, coreógrafo, né? E canta também na Zé Testinha quando precisa. Mas aí a gente vai deixar mais pra frente. Vamos agora falar da Zé Testinha adulta.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Falando do Johnny também, que é sanfoneiro, ele é projetista.

[Rosélia Rogério] Mas é isso, músico, é compositor. É tudo relacionado. Criei meus filhos grávida. Meus filhos já estavam lá no mês de junino, gente. Criei assim. Então aí todos os dois... São dois profissionais. São dois meninos. É o Jonathan e o Johnny.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Bem, a história ali é diferente da dela, certo? A história é aquela história que eu disse do Cordeiro Neto, né? É, do Cordeiro Neto, que a gente estudava no Cordeiro Neto. A gente vinha uma influência muito grande de pai e mãe, porque eles eram do interior. Pelo Quixadá tinha o meu avô, que gostava de festa, era delegado e a gente fazia aquelas festas tradicionais de junina, né? E pelo outro lado de Itapajé tinha meu outro avô, que tocava a rabeça e naquela época não tinha sanfona, não. A festa era ao som da rabeça e do triângulo e dos

abombos feitos de couro, de couro cromê de animal, né? Esse hoje moderno não, que é sintetizado, é uma série de coisas, não, era aquele... O rala-puxo mesmo pesado. E eles faziam essas festas. As festas não eram como hoje. Quando se fala de festa junina, hoje você vê que é junina, julina e tá entrando em agosto, agostina, né? Naquela época a festa era feita em véspera do nascimento de João Batista, né? que para muitos, às vezes, penso que não, mas o sentido do São João está todo voltado para João Batista. E é tanto na Igreja Católica, essa comemoração é feita com o único santo que se comemora o nascimento, os outros tudo é falecimento, entendeu? E João Batista tem aí toda uma história que vem passando de geração em geração, entrou a história da fogueira, que foi anunciada pela fogueira para uma irmã avisar na outra e tal. E essa coisa toda é que a Igreja Católica permaneceu fazendo as comemorações do São João. Aí passou a se comemorar São João em junho, tanto de São Antônio, São Pedro já se invadiu de festa junina. Vamos dançar São João em pleno São Pedro? Não, vamos festejar São Pedro, mas na realidade o São João foi forte e tinha essa influência muito forte das duas famílias. Quando a gente foi pro Cordeiro Neto, Automaticamente, hoje eu não sei como é que está o ensino nos colégios, ainda estão fazendo isso. As escolas faziam, em cada classe colocava uma quadrilha. A quadrilha do primeiro ano, aí está lá, do segundo ano, todo dia tinha quadrilha. E essa quadrilha ia passando de ano em ano, porque é diferente de hoje. Hoje vem gente de todos os bairros estudar. Antigamente não, era só o pessoal ali da Vila União. Aí o que acontecia? O primeiro, o segundo, o terceiro, a gente vivia junto até a quarta série, todo ano a mesma turma. E foi o que aconteceu. Quando chegou na quinta série, aí foi que aconteceu o problema. Porque hoje, eu estava falando aqui em make-off com a entrevistadora, falando que hoje o ensino está muito mais prático. Naquela época era difícil. Porque só tinha colégio até o primeiro ano, depois tinha o segundo ano, tudo era separado. A alfabetização era um, o primário era um, entendeu? Aí foi o que aconteceu. Quando chegou na quarta série para se fazer a quinta, acabou. O Cordeiro Neto não existia mais, porque lá só era até a quarta série. Aí tivemos que ir para outros colégios. Aí foi onde aconteceu a separação das pessoas. Veio um para aqui para o Cordeiro Neto, para o Aurélio Campos, foi outro para o Adaldo Bezerra, foi outro para aquele que tem aqui perto da Cagesse ali, Figueiras Lima. Então espalhou os alunos todo dia. Só que como a gente já era aquele negócio de dançar nas classes, o pessoal sentia saudade de quadrilha. Aí foi o que aconteceu. Engajamos todos num grupo de jovens. E nesse grupo de jovens usava lavanderia, onde hoje é o pão Léo Leal, acho que não tem mais.

[Rosélia Rogério] Mas hoje é o refeitório do Cordeiro Neto.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Hoje é o refeitório. Ali era uma lavanderia.

[Rosélia Rogério] Antigamente era o Crais.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Afastavam-se as máquinas e começamos a ensaiar lá. Foi em 1976 que isso aconteceu. A necessidade de continuarmos juntos, entendeu?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Começou uma simples brincadeira de vamos fazer, vamos, vamos e tal. E nisso aí foi que surgiu a ideia de se fazer a quadrilha do Basme, entendeu? Recebemos também a herança da antiga quadrilha do Vila União, que era a quadrilha arraiaada do Vila União, que era do Sr. Raimundo, que fazia lá e estava terminando, não ia mais fazer quadrilha. E a gente botou toda a ideia dele, jogou dentro da quadrilha e continuamos fazendo. Fazendo a sequência, na realidade, é uma herança da quadrilha da Vila União. Do arraial da Vila União, que se chamava antigamente.

[ENTREVISTADOR] Certo. Acho interessante a história.

[Rosélia Rogério] Eu também dancei não só na Zé Testinha, mas também dancei numa raiá da Dona Chaguinha, aquela do Chico Boi. Não posso deixar de registrar, também dancei lá. Chegava cedo para varrer, lá era areia ainda. A gente varria todo o chão, chegava cedo para não fazer isso. Ainda perdi a unha. Mas vale a pena.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Aqui tem ainda umas relíquias do passado. A quadra era bem aqui em frente.

[Rosélia Rogério] Era aqui em frente.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Aí um dia meu pai chegou e disse que não queria mais quadrilha aqui não. Não quero mais quadrilha aqui não. Aí a gente não entendia porquê. Aí ele chegou nesse negócio. Quero que você faça a quadrilha ali. Fazer uma quadra pra vocês aqui da frente aí. [fala simultânea] Esse lado. Mas era aqui também, no chão batido também. Não tinha esse negócio todo não.

[ENTREVISTADOR] Agora com outra pergunta, eu queria saber como funcionam os ensaios da Zé.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Por que que não pergunta por que que o nome é Zé Testinha? Vai ter aí, pergunta, vai.

[ENTREVISTADOR] Por que eu chamo de Zé Testinha?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Aí gente, vocês estão piados, né? A Zé Testinha se originou da quadrilha do grupo de jovem da Vila União, que era Gru Jovem 1. A turma pensa que era Gru Jovem 1.

[Rosélia Rogério] Tem que falar, né Da Leda, do Ronaldo, da Rose.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Pela essa família aqui que posso dizer que eram os mentores, que era o meu irmão mais velho, minha irmã e minha outra irmã.

[Rosélia Rogério] Ronaldo, Rose e tia Leda.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] as quatro, elas não tinham nascido ainda não eu e a Zena, não tinham nascido aí, nisso aí esses quatro eles como se diz, eram os articuladores junto com outras pessoas e tal, e um dia quando eu passei a brincar na quadrilha Eu passei a namorar a minha ex-esposa e ela dançava aqui no dia 25. E eu passei a me interessar. Você sabe quando você é jovem, né? Você se interessa pelas coisas, né? Então eu comecei a sair daqui e fui para outro bairro. E eles continuaram. Aí foi que meu irmão teve que ir para Minas Gerais a trabalho e ficou sem marcador aqui de quadrilha. Aí me chamaram para vir para cá. Aí eu fiquei nas duas quadrilhas, marcando as duas quadrilhas. Eu era, nessa geração, eu era o caçula. Hoje o caçula é ela. Mas na época eu era o caçula. Aí eu disse, eu vou, mas lá que vai prevalecer é o que eu disser e o que eu fizer. Aí deu uma beleza, vamos lá. Eu peguei e trouxe o cangaço para cá. É onde originou-se a história do cangaço. Eu fiz o cangaço aí no V25 com uma simples brincadeira de última hora que eu entrei lá no foguete que era parecido com a nossa história. Todo mundo ensaiava a quadrilha de uma hora para outra. Tinha um cara que era remunerado, era pago para fazer a quadrilha do B-25 aí. E esse cara disse que estava botando um obstáculo lá porque queria aumentar o dinheiro dele e tal. Aí fizeram, não pagava ele. Aí acabou a quadrilha. Ele disse, não acabou não, eu estou aqui, eu vou marcar a quadrilha. Comecei sendo marcador ali no B-25. E lá,

isso foi em maio para junho, já no final, já perto das festas, que aí faziam uma festa tradicional, até hoje ainda fazem ainda, no B25. E essa quadrilha só dançava nessa festa. Aí eu vi o grupo folclórico do Eugênio Gomes, que era associado à base aérea, ele era vinculado, eu não sei se hoje ainda é. E eu vi o grupo folclórico com um monte de chapéu de cangaceiro. Quando eles iam ensaiar, todo mundo ficava olhando. Eu contei assim, tem 16 chapéus, vai dar certinho porque eu quero. Eu cheguei para o diretor de dia, que era um suboficial, e disse, eu gostaria que você pedisse o chapéu emprestado do Eugênio Gomes, porque a gente vai usar aqui na quadrilha. que eu disse para o pessoal que eu já tinha achado uma saída, porque eu estava no improviso, o cara tinha ido embora, então eles estavam me dando tudo de carta lá para a coisa acontecer, né? Aí, conseguiram arranjar as cartuchearas e os chapéus do Gene Gomes. Pensei aí, como é que vai ser as roupas? Rapaz, cada um vem como achar que deve, bota o nosso peruque e tal. Eu falei assim, né? Falei que eu tinha que dar uma resposta pra todo mundo, entendeu? Eu era o bichão ali, eu tinha sido convocado pra fazer, né?

[Rosélia Rogério] Geração calça de açúcar, né?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu só sei que... Não, mas foi engraçado. Aí quando foi a noite lá, tava marcada a festa, ele dançava lá por volta de nove horas, por aí, e começou a chegar os cangaceiros, tudinho de peruca, arrumaram roupa, tudo, mais colaboração, e era uma de menino atrás, sabe? Daquele negócio ali. Ele disse, rapaz, que legal. Chamou atenção, entendeu? Esse eu vou levar lá pra me... a minha família. Peguei, trouxe o chapéu pra cá e comecei a fazer o cangaceiro. Foi um rebu muito grande, porque ninguém aceitava naquela época, nos anos... Olha. Hoje nós estamos em 2024, né? Você tira por aí, na época da ditadura, nos anos 70, que vocês não viveram a ditadura. Eu ainda cheguei a pegar ainda o povo da ditadura. Você fazer cangaço nos anos 79 para 80 era muito complicado, porque você não tinha a aceitação do povo, dos que mandavam, dos governantes, entendeu? Por causa da ditadura. E a gente ia fazer, como se diz, fazer uma manifestação cultural em cima do cangaço que para eles, eles eram bandidos, você está entendendo? É uma coisa diferente do dia de hoje. Hoje o cangaço é de identidade nordestina. Ele passou a ser um mito. Nem herói, nem bandido. É cultura. Mas naquela época era complicado. Mas mesmo assim eu fui em frente. Eu sempre falando de resistência e persistência. [fala simultânea] Eu não me deixava desdobrar pelo meu sonho, pela minha ideia. Achava legal, via que todo mundo se achava, se identificava com o cangaceiro. E aí nós começamos a pesquisar sobre o cangaço. Os meus irmãos começaram a fazer assim, vamos fazer um estudo, meus cunhados e tal, porque tudo era envolvido. E a gente descobriu tanta coisa do cangaço que foi impressionante. Primeiro que Lampião, ele era um poeta, cordelista, músico, inclusive tem música que vocês cantam hoje aqui, talvez eu não canto mais porque assim eu não brinco mais carnaval, vocês brinquem só a fé, né? Mas aquela música que, se eu soubesse que chorando, empata a tua viagem, meus olhos eram dois rios, que não te davam passagem. Não sei se você já ouviu essa música aí. Essa música é de Luiz Gonzaga, do Virgulino, a letra dele, entendeu? Como é coisa popular, e virou... hoje não tem mais autor, ele já é coisa popular, né? E ele era uma dessas pessoas. E tinha lá dizendo que ele gostava das festas juninas, que chamavam de festa de fogueira, e ele era marcador de quadrilha. Pronto, era o que nós estávamos esperando para poder manter... o desenrolar da coisa. [fala simultânea] Então, isso aí, pra poder falar do porquê do nome Zé Testinha, eu não cheguei ainda. Eu não gosto de festival, aí o que aconteceu? Eu disse, ó, vamos colocar a quadrilha nos festivais da prefeitura. Aí foi a minha irmã Leda e uma colega brincante, a Tereza Cavalcante. Quando chegou lá, disse assim, como é o nome da quadrilha? Aí disseram assim, a quadrilha é Gru Jovium, que é Grupo Jovem da Vila União, né? E, não, mas não pode ser nós de grupo de jovens não, vamos ter um negócio aqui mais pitoresco. Aí a minha irmã lembrou que o meu nome era José, e no Ceará todo José é Zé, né, não sei se vocês sabem disso, né, todo Zé é Zé porque é José. A família católica é tanto que a única que saiu, que levou Maria foi ela, mas o resto era Maria e aqui era José, os homens, né. Aí, lembrou do apelido de infância que eu tinha ali, que era da Testinha. Não sei se você vê que a Zé Testinha, ela tem assim, a minha família tem uma

testa grande, entendeu? Me chamava de Testinha, o contrário, era Testão, mas chamava Testinha. E aí ela disse assim, bota o apelido dele, é Testinha, bota Zé Testinha, Arraia Zé Testinha. Aí chegaram aqui e disseram, Reginaldo, o nome da quadrilha mudou. Aí eu disse, mudou e qual o nome? Não, na hora lá que for... apresentar, tu vai saber. Foi todo mundo lá, arrumamos pra ir pra lá, a maior empolgação do mundo que era lá, na antiga Icatu, que hoje é até a cadeia antiga lá, a gente era lá. Chegou lá, era o Praciano, comunicador já de nome lá da prefeitura, aí ele foi anunciar a quadrilha, aí disse, diretamente do Vila União, a quadrilha Arranhar do Zé Testinha, meu amigo, foi uma facada no meu coração, entendeu? Eu fiquei procurando a minha irmã pra me pegar ela, entendeu? E ela se escondendo, porque ela passou um bocado de tempo se escondendo de mim, porque na realidade era um bullying, né? Testinha na minha época era bullying, porque meu pai gostava de achar que a gente ia seguir a carreira militar. Pelo fato de estar morando aqui pertinho, ele achava que a gente ia seguir a carreira militar. E zerava aqui, sabe? Antigamente não era assim como vocês pensam hoje não. O soldado aqui era zerado no zero. Então, ele já fazia isso pra gente se acostumar à carreira militar. Com isso aqui, com a testa grande, tu imagina o bullying que era, sabe? As pessoas batiam, né?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu sofri muito com isso aí.

[ENTREVISTADOR] Edinaldo, como a família tem já seus 48 anos, né? Eu queria saber como é a sensação de ter, tipo, uma... Terceira geração da mesma família dançando, né? Minha tia já dançou e hoje o neto dela tá dançando na infantil. E a gente também tem brincantes de adultos que seus filhos estão dançando na infantil. Como é pra você, né? Ao longo desses 48 anos, ver que, tipo, uma coisa que a gente vê que o movimento alimentar se perdendo do jeito que a gente vê. E você conseguiu interpretar isso de uma forma tão singela e sem muito esforço.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu aprendi aqui no mundo do militar, que eu vivenciei minha infância aqui, apesar de meu pai não ser militar, mas eu vivenciei muito aqui. E uma das coisas que fazem com que você tenha, exista, e isso serve para todos vocês, exista, Chama uma palavrinha chamada disciplina. Chama disciplina. Qual é a disciplina? É você cumprir regras, você cumprir horário e tudo mais. E ter respeito dentro da disciplina. Meus direitos e deveres, entendeu? Porque a quadrilha, ela hoje existe porque existe isso dentro da quadrilha. Eu respeito ela como ela é e ela tem que me respeitar como eu sou. Você está entendendo? E tudo tem limite, tudo tem limite das coisas aqui, certo? Porque eu, apesar de ter criado as minhas duas filhas dentro da quadrilha, porque quando eu me separei, uma tinha um ano e sete meses e a outra tinha nove meses de nascido, mas eu não deixei de fazer quadrilha, eu levei elas no mundo junino, entendeu? E as pessoas, às vezes, estavam dançando com uma no braço, tentando que a confusão não dê nada e assim foi. E o que acontecia? Eu criei dentro da quadrilha a minha própria família. Então eu não quero dentro da própria família, dentro da própria quadrilha, que seja um lugar que seja apropriado para minhas filhas. E assim proporcionou que as pessoas que fazem, que vem dançar, que passaram aqui, sabe como é que funciona aqui e traz o filho para ficar, você está entendendo? Hoje a gente tem filhos, netos, tudo dançando, você está entendendo? Às vezes tem pai dançando com o filho, como aconteceu ano passado com o José, Ele está dançando com a filha dele, você está entendendo? Então isso faz com que a coisa funcione.

[Rosélia Rogério] É bem gratificante.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Coisa de família, unir família. Aqui é uma família. Pode ter certeza, as pessoas pensam que é da abagogia, não é não. Aqui nós somos diferentes. Às vezes as pessoas comparam a nossa quadrilha com qualquer outra quadrilha, se não comparem, porque aqui tem uma diferença muito grande. Porque nós nos preocupamos com quem dança. Aqui você é um brincante, depois você passa ali e a gente não tem mais preocupação com você. Não. A gente tem aqui a testemunha dela. Porque se a gente não fizer isso, a gente não vai existir.] Porque desde

1976, das quadrilhas que existiam com a gente...

[Rosélia Rogério] Viu como ele fala muito?

[Rosélia Rogério] Ele não vai deixar eu falar, filho.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Não tem mais nenhum a existir. Sabe por que não existe? Porque eles não pensaram nisso. Entendeu? E aqui a gente tem essa coisa. Às vezes a pessoa pensa que a gente vem aqui pra dançar e ganhar. [fala simultânea] Não, a gente vem pra cá pra dançar e ser feliz, que é a nossa principal ideologia. [fala simultânea] O resto é consequência, entendeu? [fala simultânea] Vou deixar ela falar um pouquinho aqui, porque senão ela fica com raiva.

[Rosélia Rogério] E esse ano na Zé Teixinha Infantil, um dos requisitos pra entrar no grupo foi ser filho de ex-brincantes. Entendeu? Esse ano a Zé Testinha, por quê, Zélia? Foi assim, porque não foi aberto total. Não abrimos total porque estava em cima da hora já. Bem em cima mesmo. A gente tem que estar começando sempre em janeiro para poder dar tempo a tudo. E a gente estava, vai voltar ou não vai? Vai voltar ou não vai? E acabou a gente, não, vamos voltar, mas vamos fazer o seguinte, vamos fazer quadrilhas só com os filhos dos ex-brincantes. E foi isso que aconteceu.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Uma graça.

[Rosélia Rogério] Né? Gente, foi assim... Foi espetacular. Pra mim, até falando, fica complicado porque eu sou muito chorona, assim, pela Zé Teixinha infantil e adulto também, né? Sou fã número um das duas. Mas assistir eles dançando, eu falava aqui, gente, eu não sei se eu vou colocar as Zé Testinha Infantil esse ano pra competir, porque eu preciso que eles entendam ainda o que é isso, o que é conjunto, o que é harmonia, o que é alinhamento, tudo. E ainda tem eles entenderem que a gente tem que passar pras pessoas a alegria, ainda falta muita coisa ainda. E na última hora a gente filiou a quadrilha, né, e acabou dando tudo certo.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Sabe o que deu certo mais pra eles aqui? A infantil. Que foi, Zé?

[Rosélia Rogério] Eles... Nós somos a melhor do estado do Ceará, cara. Né? Assim, 2024, de volta nas quadras, né? Zé Testinha infantil. E no dia do resultado, eu digo, meu Deus, será que o meu coração vai aguentar? Porque foi alegria... Pelo amor de Deus, foi demais pra mim. Por conta disso. Eram filhos de ex-brincantes. E aqueles meninos ali, gente, eu não sei se vocês chegaram a assistir. Vocês assistiram? O tamanho deles? Eles entraram em quadra, deram o recado, entendeu? As pessoas ficavam paralisadas assistindo eles. E eles conseguiram a dançar igual... a Zé Testinha adulto, que a gente tenta deixar sempre o ritmo da Zé, não puxado total como eles fazem na adulto, mas no ritmo para que eles quando saírem, chegarem na adolescência já vai começar a passar a querer dançar na Zé Testinha adulto. E a emoção das mães Foi demais.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] E tudo era mãe comigo, sabe? Tudo dançado aqui... Tudo dançado aqui, passaram por aqui. Eles dançavam mais forte que a gente.

[Rosélia Rogério] E no primeiro dia de apresentação, eu fui uma que chorei e assisti as mães chorando também. Entendeu? Porque elas queriam ver esse momento, né? E esse momento aconteceu. A gente entrou em quadra para competir com outras quadrilhas que já vêm, já não pararam, né? Não pararam os quatro anos e a gente tinha parado, mas foi tudo lindo, lindo, lindo mesmo.

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Eu que respondi o que você falou, entendeu? A questão de você, hoje, em 1976, quando a gente começou, a gente não tinha dimensão. Do que era o amanhã, entendeu? Era assim, juventude igual vocês aqui, como estão aqui hoje. Vamos lá na casa dos atestinhos, todos se animem e vem pra cá, você tá entendendo? Mas vocês não sabem a importância na vida de vocês que vocês estão fazendo aqui hoje, entendeu? [fala simultânea] Vocês só vão tomar de dimensão... A importância desse projeto, né?

[Rosélia Rogério] Que é um projeto, não é isso?

[José Reginaldo Rogério Alexandre] Só vão tomar de dimensão isso aqui quando tiver mais ou menos uma consciência assim de... Daqui uns 10 anos. 10 anos você vai ver assim, cara, que legal. [fala simultânea] Porque é isso que acontece na vida das pessoas. A gente... Não ter noção do amanhã. E hoje, como a gente sabe o ontem e o hoje nosso, é uma responsabilidade dobrada. Primeiro, você criou um... um monstro, de uma hora para outra você tem que controlar o monstro e ao mesmo tempo não deixar a turma matar esse monstro, você está entendendo? Porque é mais ou menos isso. Por que tu está dando o nome de monstro assim? Porque ele é uma coisa que ninguém conhece, ninguém tinha conhecimento, entendeu? Então é uma coisa fora do comum, você está entendendo? E por isso você tem que manter ele, porque se a pessoa não gostar do monstro, quer fazer ele tentar matar o monstro, não é? Rapaz, é que ele é um monstro, eu estou sentindo ameaçado por ele, você está entendendo? Então vai tentar de alguma forma destruir a tua ideia, entendeu? E hoje não, hoje a gente tem a ideia do monstro, a gente tem a ideia da responsabilidade cultural dentro do bairro, entendeu? A responsabilidade com as pessoas que vêm para cá, você está entendendo? Para que aqui... eles tenham o prosseguimento da sua casa de família. E essa coisa, ela fica tão presa dentro da gente que às vezes a gente não consegue nem dormir pensando no primeiro dia, para você ter uma ideia. E o que faz acontecer nas pessoas que estão aqui participando, entendeu? Porque a gente coloca... De janeiro até junho, ocupação, até ocupando a mente dessas pessoas, né? Fazendo com que você tenha um sonho e o nosso principal combustível da vida é o nosso sonho e a nossa ideia. Então, cada um começa a sonhar e começa a viver e ser feliz, é mais ou menos por aí, entendeu?

[Rosélia Rogério] É, e a gente tem alguns depoimentos, né, Reginaldo? no site da Zé Testinha, às vezes mesmo no WhatsApp mesmo, que às vezes a gente acha que é só uma dança de quadrilha, a Zé Testinha é só uma dança, e não é, gente, não é.